

DIÁLOGOS POSSÍVEIS: BRASIL E CABO VERDE NO CONTEXTO DA LUSOFONIA

Valdemar Valente Junior (UERJ)

Resumo: O presente texto tem por objetivo uma abordagem acerca das formas de aproximação entre as literaturas brasileira e cabo-verdiana, tendo em vista o processo de emancipação cultural da antiga colônia portuguesa em África. Diante da necessidade de afirmação dos valores de uma nacionalidade crítica, os escritores cabo-verdianos lançam mão de elementos tomados por empréstimo da literatura brasileira, para efeito da efetivação de um afastamento com relação aos postulados da cultura portuguesa. Desse modo, a aproximação com relação ao movimento modernista que tem lugar no Brasil, a partir da obra de escritores como Mário de Andrade, Manuel Bandeira, Ribeiro Couto e Jorge de Lima, entre outros, lhes garante um sentido simbólico de autonomia com relação à metrópole, que os coage a partir de um sistema cultural extremamente opressivo. Diante disso, as manifestações da literatura cabo-verdiana assumem a diretriz de iniciativas que têm origem com a publicação da Revista Claridade (1936), órgão responsável pela tomada de posição que determina um lugar de destaque para o arquipélago, a partir das demais produções literárias africanas no contexto da lusofonia.

Palavras-Chave: Lusofonia; Modernismo brasileiro; Literatura Cabo-verdiana.

Abstract: This text aims to approach the ways of rapprochement between the Brazilian and Cape Verdean literatures, with a view to the process of cultural emancipation of the former Portuguese colony in Africa. Faced with the necessity of the affirmation of the values of a critical nationality, the Cape-Verdeans writer release hand of elements taken by loan to the Brazilian literature, for the effect of an effective removal with regard to the postulates of Portuguese culture. Thus, the approximation with regard to the Modernist movement that takes place in Brazil, from the work of writers such as Mário de Andrade, Manuel Bandeira, Ribeiro Couto and Jorge de Lima, among others, guarantees a symbolic sense of autonomy with respect to the metropolis, coacting it from an extremely oppressive cultural system. In the face of this,

the demonstrations of Cape Verdean literature take the guideline of initiatives that originate with the publication of the *Revista Claridade* (1936), the body responsible for taking the position that determines a prominent place for the archipelago, from the other productions African literary in the context of the Lusophony.

Keywords: Lusophony; Brazilian Modernism; Cape Verdean Literature.

INTRODUÇÃO

A relação entre a cultura literária do Brasil e de Cabo Verde decorre da necessidade do arquipélago aproximar-se do país-continente como meio possível ao estabelecimento de uma nacionalidade literária capaz de definir sua posição de afastamento com relação às formas do colonialismo que Portugal lhe impõe em sucessivas instâncias. Há que ser pensado o lugar do Brasil como uma liderança entre os países lusófonos, na condição de quem expande sua influência no mundo através de manifestações da cultura que no século XX passam a ter grande importância. Também cabe perceber o modo através do qual a ordem imposta pela tradição literária acaba por ser subvertida, através do Modernismo, o que resulta em movimento de elevada voltagem, capaz de expandir sua influência aos demais territórios da língua portuguesa como registro de escrita e oralidade. Em vista disso, a posição de Cabo Verde mostra-se favorável à aproximação que se faz proveitosa, na medida em que a isso corresponde uma expressão capaz de legitimar uma espécie

de independência cultural que funciona como núcleo de resistência que provisoriamente tenta-se sobrepor ao jugo da cultura imposta.

Assim, essa aproximação faz com que Cabo Verde incorpore aspectos da cultura literária brasileira, a partir do que representa a Semana de Arte Moderna como referência de teor significativo. A deflagração do Modernismo concorre para que seus resultados encontrem uma acolhida das mais representativas, por conta da urgência de se dotar o arquipélago de elementos capazes de configurar uma cultura local independente do regime de exceção imposto por Portugal. Desse modo, o que para o Brasil significa o enfrentamento de postulados conservadores da estética parnasiana que reduplica modelos, no plano de uma atualização da cultura, com relação às vanguardas europeias, para Cabo Verde representa um lugar a configurar-se como meio de poder tematizar os aspectos locais da realidade e promover um afastamento que tenha como escopo a fundamentação do espírito formador de uma nacionalidade crítica. Essa investida faz com que Cabo Verde assuma a direção do processo de equiparação de sua atividade cultural como um sucedâneo à imposição colonialista.

Disso decorre o estreitamento de uma série de influências que farão da literatura brasileira moderna uma espécie de

porta-voz dos anseios cabo-verdianos. A absorção desses elementos concorre para a confirmação do que logo a seguir corresponderia à publicação de revistas, o que para a literatura de Cabo Verde resultaria em um processo de aprofundamento da relação de seus escritores com os dilemas mais urgentes do arquipélago castigado por longas estiagens e ventos devastadores. Daí a criação literária, tanto da poesia quanto da narrativa, tematizar uma realidade que se torna cada vez mais problemática, sobretudo a partir do que no Brasil se convencionou chamar de segunda fase modernista, quando a realidade da seca no Nordeste passa a ser o tema principal de uma série de escritores preocupados em colocar a literatura a serviço das causas sociais do país. O processo em curso na literatura brasileira, em vista da tomada de posição que contextualizaria as graves pendências da sociedade, encontraria em Cabo Verde a mesma expectativa, servindo de arrimo ao interesse dos cabo-verdianos em elucidar suas situações pendentes, dando margem a uma abertura significativa no âmbito da lusofonia.

A questão que nesse momento se explicita diz respeito à urgência dos cabo-verdianos em recorrer aos meios que lhes sejam adequados à ampliação do que parece já existir, em vista de uma cultura literária que se faz representar.

Daí o surgimento de uma geração de escritores que tem na tradição brasileira moderna uma referência que se faz portadora da ambição de que venha a se consolidar o mesmo feito em território cabo-verdiano. De certo modo, o efeito acaba sendo proveitoso, em vista da abertura que decorre de uma investida que, mais que reproduzir os elementos contidos nas obras de autores brasileiros, se apresenta viável como ponto de partida de um ideário de teor crítico como proposta que se expande, ocupando os espaços inerentes à configuração de um projeto de afirmação da identidade nacional. A manipulação ideológica que o colonialismo português exerce sobre Cabo Verde passa a ser colocada em questão a partir de um projeto literário que aprofunda o debate em torno de questões de efetivo interesse social e político.

A relação entre o Brasil e Cabo Verde consigna-se a partir de elementos da literatura que se confirmam como ponto mais elevado de uma contaminação que abrange vários outros aspectos da cultura. A literatura comparece como parte significativa de um processo que consagra alguns dos mais importantes escritores do Modernismo como representações definitivas de inserção. Isso corresponde a um plano de contato que resulta na forma através da qual os

escritores cabo-verdianos enxergam na investida brasileira um meio de se fazer possível compreender a condição colonialista, em vista de uma liberdade de criação que passa a concorrer como elemento destoante do processo de dominação. A visão que se amplia no âmbito de uma literatura que tem por objetivo elevar o grau de reconhecimento da condição de opressão de que é vítima demonstra uma vitalidade condizente com a esperança que se nutre dos revezes para fazer deles a razão de sua existência. Em vista disso, as vicissitudes do povo cabo-verdiano constituem-se em núcleo temático dos mais significativos, representando o dilema dos que têm que partir, mas desejam permanecer.

Desse modo, a diáspora cabo-verdiana corresponde ao sentimento que povoa o imaginário de escritores que a partir desse dilema configuram um pensamento crítico que lhes serve como material à produção ficcional. Especificamente, no que se refere à relação com a ficção brasileira, a narrativa dos autores do Nordeste, que tematiza o flagelo da seca e da exploração fundiária, passa a ser incorporada, para efeito da representação de um plano mimético que se aproveita dessa contribuição. Daí verificar-se um tipo de deslocamento que do mesmo modo tem lugar com a crise que afeta o Brasil, em sua condição de país de economia dependente, quando a

criação literária passa a refletir o transe político e econômico que se agrava. A realidade cabo-verdiana, portanto, concorre para que a essa situação se integre o resultado do que no Brasil representou a tomada de posição da segunda fase modernista, quando a criação artística e literária aprofunda ao limite máximo o descompasso decorrente do colapso na bolsa norte-americana. A configuração de uma narrativa de feição social tende a estabelecer um recorte necessário à formação de um *corpus* que atende à demanda de um tempo em que se faz preciso questionar os descaminhos da sociedade. Assim, a presença da literatura brasileira em Cabo Verde traz ao debate uma proposta que concorre como elemento agenciador de uma mudança significativa.

PASÁRGADA COMO LUGAR IDEAL

A situação de desconforto que se impõe como registro da posição que Cabo Verde ocupa na geografia africana se faz responsável pelo dilema que atinge seu povo, vitimando-o, em consequência de estiagens prolongadas, do mesmo modo que de ventos arrasadores, e chuvas extemporâneas que trazem a destruição e a miséria. O impasse que se estabelece, referente à paixão que os cabo-verdianos nutrem com relação à terra, contrapõe-se à realidade marcada pela tragédia que passa a fazer parte da vida no arquipélago.

A isso acrescenta-se o que se confirma no deslocamento entre as dez ilhas que o compõem, na maioria das ocasiões em direção a São Vicente, que parece reunir as melhores condições de sobrevivência. Há ainda a possibilidade da ida para São Tomé e Príncipe, onde as lavouras de café e cacau absorvem a mão de obra disposta a trabalhar em troca de comida. Mais ainda, a viagem através do Atlântico leva ao Brasil ou aos Estados Unidos, países que podem oferecer condições de trabalho aos que deixam suas famílias sonhando em poder voltar. “O elemento ‘regresso’ na literatura cabo-verdiana está implícito em qualquer forma de partida. Não pode conceber-se que alguém parta sem estar marcado pelo desejo de regressar” (MARGARIDO, 1980, p.406). A distância que separa o homem cabo-verdiano de seu desejo de permanecer é proporcional à necessidade que se impõe como uma regra de pertencimento que tem urgência em ser cumprida. Nesse contexto, a produção literária no arquipélago expande seu halo de observação para dedicar sua atenção ao flagelo que vitima sua gente, como um meio de reagir à fome e à pobreza.

Nesse momento crucial, que tem lugar com os efeitos da crise e o prenúncio da hecatombe mundial, os cabo-verdianos ressentem-se do descompasso decorrente de sua condição

de colônia, recorrendo às formas de aproximação de sua cultura literária com o que representou a atitude brasileira, no sentido de poder acertar seu fuso-horário com relação às vanguardas europeias. Mais ainda, estabelecendo uma tomada de consciência, em vista do que se impõe no momento seguinte como reconhecimento que aproxima a literatura dos anseios da classe trabalhadora, a partir da legitimação de suas demandas mais prementes. Assim, o romance social brasileiro passa a representar um salto significativo, em vista das conquistas decorrentes da liberação formal da primeira fase modernista, no plano de sua aplicação a um projeto de inclusão da literatura no cerne do debate político como peça de extremo valor. O fenômeno da literatura como referência de teor social indica o lugar inerente à crise mundial no âmbito dos países subdesenvolvidos, configurando uma condição para a qual não há meios possíveis de superação. Desse modo, a mimeses que pontifica com o agravamento das tensões sociais que se transferem para a produção literária confirma a opção da literatura cabo-verdiana encontrar no Brasil uma possibilidade de fixar as bases do que pretende.

Do mesmo modo, a utopia presente na configuração de um lugar de bem-aventurança que se oponha à falta de expectativas do povo cabo-verdiano repercute na incorporação de exemplos da literatura brasileira como

símbolos de uma liberdade desejada. A esses exemplos incorporam-se *Macunaíma*, romance de Mário de Andrade, e “Vou-me embora pra Pasárgada”, poema de Manuel Bandeira. Essas obras passam à condição de imagens de um mundo que contraria o sofrimento e a dor inerentes à provação como partes da lida no arquipélago, de onde se faz urgente ter que ir embora. “As terras estéreis e a presença do mar convidam o cabo-verdiano para a evasão. Época em que se interrogava mais amiúde a situação colonial, a poesia passa a refletir a fuga dos intelectuais para outras terras”. (CANIATO, 2005, p.52). Em vista disso, o hedonismo de *Macunaíma* se constitui em uma espécie de “vir a ser” que se opõe aos percalços que atuam como uma provação para os cabo-verdianos. A capacidade de compreensão acerca de seu próprio dilema agrava-se como valor recorrente, a partir do momento em que a literatura passa a funcionar como um libelo à situação que vai da tragédia natural à social, em vista do que ambas representam como termos dessa situação. Em face da condição de Cabo Verde como território insular, a busca incessante por uma unidade territorial se expande à unidade nacional como referência.

Assim, a utopia em torno do lugar ideal imaginado por Manuel Bandeira, ao transpor para o poema “Vou-me embora pra Pasárgada” o desejo de superar os limites que a

perda da saúde lhe impõe, serviria de motivo à configuração de um imaginário que se adensa ao desejo do povo cabo-verdiano, no que tange à fuga em direção a uma vida promissora. “Identificados com o Modernismo brasileiro, os da *Claridade* adotam Pasárgada, palavra alumbrada de um poeta, como fantasia lírica de um grupo, marca da sua insatisfação” (RIBEIRO, 1992, p.739). Se no poema de Manuel Bandeira a vontade de usufruir de tudo quanto lhe é negado se consubstancia no lugar imaginário, a recuperação do tema, para os cabo-verdianos, remete ao Jardim das Hespérides, trazido de volta por meio da poesia de Oswaldo Alcântara, Jorge Barbosa e Ovídio Martins. A isso integra-se o lugar incômodo que marca a presença de uma geração, apresentando a realidade como substrato social e remetendo ao desejo de mudança na estrutura de pensamento do arquipélago, com vistas à dimensão de um princípio de nacionalidade a que se faz preciso desenvolver. O poema de Manuel Bandeira, portanto, agrava a contradição que se reforça no conflito decorrente da situação climática como termo do que não apresenta qualquer solução. Em vista disso, a diáspora cabo-verdiana aprofunda o abismo entre extremos, configurando um sentimento de nacionalidade que independe do lugar para onde sua gente se desloque em busca de condições de sobrevivência.

Assim, o que se verifica a partir da abordagem de temas literários que trazem a realidade brasileira como possibilidade de aproximação resulta em ação preta de êxito, na medida em que concorre como capital simbólico para renovar o repertório cultural de uma terra atingida por sucessivas crises, entre as quais se incluem as condições deficitárias decorrentes da devastação natural que a penaliza. A referência ao que se reitera no poema de Manuel Bandeira induz ao desejo de seguir rumo a uma terra de promessa que possa redimir os cabo-verdianos das privações que se acumulam, quando o arquipélago se transforma em calvário, durante as longas estiagens. Assim, os sofrimentos acumulados ensejam o sonho com uma irrealidade que se legitima como vontade de superação do que se mostra como situação adversa. O sonho impossível de ser realizado pelo poeta tuberculoso desde a juventude faz de Manuel Bandeira e de seu emblemático “Vou-me embora pra Pasárgada” exemplos recorrentes que se adequam de modo absoluto à realidade de vicissitudes que atinge o arquipélago lhe ceifando algumas de suas aspirações mais legítimas.

A necessidade de partir e o desejo de ficar ampliam-se como tema recorrente, seja poesia ou narrativa, configurando o sentido do que na literatura brasileira representa uma tomada de consciência acerca do subdesenvolvimento como

marca social indelével. A opção dos brasileiros, nesse sentido, acaba por dotar parte expressiva da produção narrativa da segunda fase modernista de elementos capazes de funcionar como argumento às demandas de pobreza e exclusão. Desse modo, o diálogo que se estabelece legitima uma postura de agravamento do conflito fundiário do Brasil que no exemplo de Cabo Verde repercute de modo a configurar uma outra possibilidade, em vista da condição de um território insular. “É assim que *Pasárgada* emerge de forma utilitária, em três gerações de poetas cabo-verdianos, como função dialética, em contextos e com objetivos diferentes” (SEMEDO, 2009, p.158). Não obstante a diferença que caracteriza cada uma dessas terras, unidas pelos traços da cultura e da língua, a realidade social as aproxima, configurando uma relação de identidade que lhes confere condições plenas de execução de seus projetos literários como extensões do que lhes é comum. Por sua vez, a fuga em direção a uma Pasárgada onde quase tudo é permitido alimenta a utopia de superação da dor e do sofrimento, a partir da sensação ilusória que remete ao sonho de abundância e prosperidade.

PRESENÇA BRASILEIRA NO ARQUIPÉLAGO

A necessidade de reconhecimento da condição de atraso social que vitima o Brasil não teve como deixar de

ser assumida, a partir do momento em que o país parece abrir-se a um processo de mudanças, que mesmo seguindo o caminho do reformismo político, tende a sinalizar a direção de uma realidade desconhecida dos brasileiros. A representação desse fluxo de narrativas passa a mimetizar a desigualdade do Nordeste como região marcada por extrema pobreza. A isso correspondem os exemplos de *A bagaceira* (1928), de José Américo de Almeida, *O quinze* (1930), de Raquel de Queiroz, *Menino de engenho* (1932), de José Lins do Rego, e *Vidas secas* (1938), de Graciliano Ramos, atestando uma crise social para a qual não existe remédio. “A literatura brasileira e cabo-verdiana têm contemplado esta realidade, pois reagiram, durante algum tempo, a um conjunto de fatores semelhantes relacionados ao espaço geográfico, físico, social e cultural” (APARECIDO, 2008, p.326). A penúria que se mostra nos relatos de teor social mais tensos exhibe a olhos nus uma crise até então camuflada pela visão idealizada de um Nordeste que não corresponde à realidade. Assim, a narrativa brasileira volta seu olhar para o aspecto inerente ao ponto destoante do que propõe o ideal de crescimento como reflexo da tentativa de inserção do país no contexto das grandes nações. Daí a situação de penúria que atinge a população pobre do Nordeste servir de tema ao que de melhor se produz, nos termos do romance social.

A consagração do movimento de tomada de consciência da realidade brasileira repercute em Cabo Verde, resultando na publicação da Revista *Claridade* (1936) e mais tarde da Revista *Certeza*, (1944) que se configuram como órgãos responsáveis pelo êxito da literatura do arquipélago com reação ao sentido parasitário do colonialismo. “Em suma, no primeiro número de *Claridade* definia-se basicamente o ponto de partida de um novo caminho a percorrer: o de reencontro da identidade cabo-verdiana”. (SANTILLI, 2007, p.24). A dimensão crítica que passa a ter efeito confirma a intenção dos escritores em promover um afastamento necessário. A isso deve-se a afirmação desses dois órgãos como referências de momentos singulares da literatura em Cabo Verde, na medida em que sua condição de colônia não foi bastante para que se desse um rompimento imediato com a metrópole. O estreitamento da relação cultural com o Brasil decorre, entre outros fatores, das formas encontradas no sentido de a manifestação modernista representar um momento de profunda transformação da concepção artística. O objetivo dos cabo-verdianos, portanto, coaduna-se à investida brasileira como extensão de um projeto de reconhecimento crítico da literatura como ferramenta capaz de atuar na diretiva de seu potencial criador.

Assim, o Seminário-Liceu de São Nicolau e o Liceu de São Vicente contribuem para que a vida cultural no arquipélago assumira uma dimensão inimaginável até então, em vista da urgência que se impõe, no sentido de concorrerem para a formação de núcleos de produção literária. Por esse tempo, Cabo Verde sofre os rigores da seca e da saída em massa de sua população para outras regiões. No entanto, a isso se sobrepõe o efeito multiplicador com base na investida de uma geração de escritores que reafirma o desejo de ter na literatura um instrumento capaz de retirar o arquipélago da subserviência ao sistema colonial. Por conta disso, a temática predominante reitera a luta contra a realidade adversa, quando não há constatação da impossibilidade do que a natureza impõe ao homem. “A nova proposta, menos do que uma inovação em termos de temática, produz um deslocamento de preocupações – com a seca, a fome, as grandes mortandades, a ausência de perspectivas para a população das ilhas – do plano da prosa para a poesia” (ANJOS, 2004, p.88.). A observação que recai sobre a demanda a que se interpõe a hostilidade do clima, o que resulta em fome e desabrigo, configura-se em campo de força da poesia e da narrativa, funcionando, por conseguinte, como reforço a uma identidade que não tem como se fazer representar por outro meio.

Diante disso, uma série de obras ratificam o lugar de Cabo Verde, caracterizando uma ação presente em perspectiva futura, no sentido de um espaço de afirmação cultural capaz de promover o esgarçamento de sua condição de colônia. Assim, não há como negar a importância de obras como *Chiquinho* (1947), de Baltazar Lopes, *Os flagelados do vento leste* (1960), de Manuel Lopes, *Hora di bai* (1962), de Manuel Ferreira, *Famintos* (1962), de Luís Romano, *O rapaz doente* (1963), de Gabriel Mariano, entre as que se empenham em conferir um sentido de nacionalidade crítica ao arquipélago, contrapondo-se ao lugar impositivo decorrente da dominação colonialista. Alguns desses escritores não pertencem à geração que surge com as revistas *Claridade* e *Certeza*. No entanto, o reconhecimento da condição de submissão e a tomada de posição contrária a isso encontra ressonância em outros autores que ao longo dos anos estabelecem uma sequência ao que se impõe desde o início. De fato, a sublevação da literatura como instrumento de resistência se configura como postura que se incorpora às gerações seguintes.

Há que se pensar na presença brasileira em Cabo Verde como registro da lusofonia em condição de diálogo permanente. Nesse contexto, reforça-se sua liderança, na medida em que

se confirma um primado da criação literária de teor crítico, levando em consideração a deterioração do tecido social decorrente do aspecto econômico predatório em um país marcado por elevada condição de atraso. De todo modo, a relação que se estabelece serve de adjutório às pretensões cabo-verdianas, concorrendo para fixar um projeto de cultura de longo alcance, na medida em que as primeiras tomadas de posição estendem-se até o presente como termo que define a atitude inovadora. Em princípio, essa investida não parece ir além de uma aproximação que reflita a respeito de sua realidade, em vista do que a proposição brasileira pode vir a sugerir, recorrendo às expressões possíveis. “Essa atitude dos intelectuais cabo-verdianos, de oposição aos padrões hegemônicos provenientes da metrópole, era correlata à obsessão da procura de origens – origens étnicas e culturais – que sensibilizava a intelectualidade africana do continente” (ABDALA JUNIOR, 2003, p.263). No entanto, esse lugar tende a expandir-se como resultado do agravamento de um debate de cunho local que potencializa a realidade da colônia atingida por crises contínuas de diferentes ordenamentos. A insolubilidade dessas questões serve de argumento a uma série de obras que aproximam o arquipélago de sua realidade, aprofundando ainda mais os conflitos que o atingem.

A atividade literária brasileira, portanto, confere a condição de autonomia à produção cabo-verdiana, na medida em que, no plano do que possa representar uma influência, verifica-se uma ampliação em direção à formulação de um *corpus* original que consegue descolar-se da referência a que recorre para determinar sua direção. A unidade em torno da produção literária cabo-verdiana tende a fugir do enquadramento que delimita a pressão exercida pelo poder ditatorial que a subjuga. Em vista disso, a criação literária brasileira funciona como um sucedâneo à impossibilidade de se efetivar por outro meio um esboço de nacionalidade. A crítica que no Brasil se faz representar adequa-se de modo a configurar um espaço de abordagens comuns ao que em Cabo Verde se procura consolidar. Essa recorrência faz com que a literatura brasileira atue como reforço ao ideal de expansão de um pensamento de confirmação da nacionalidade. Ainda que a condição de colônia se confirme na condução de um projeto que reduplica formas totalitárias, a ação atualizadora exercida pela aproximação com relação ao Modernismo brasileiro configura um perfil de originalidade que se estabelece de modo duradouro.

HORA DE PARTIR E DESEJO DE FICAR

O conflito decorrente do lugar que caracteriza a presença de Cabo Verde na geografia africana aponta para

a singularidade de sua posição como território atingido por fenômenos que alteram o destino de sua gente. A isso acrescenta-se a observação de uma série de poetas e romancistas que enfatizam a oscilação que vai do entusiasmo e do amor à terra ao resultado das sucessivas intempéries que destroem casas, matam animais e dizimam plantações, trazendo a fome e a miséria. “A maior riqueza de Cabo Verde é a sua cultura e civilização. Quem é o cabo-verdiano? Um caso único no panorama dos povos africanos de língua portuguesa” (MATOS, 1996, p.165). Diante disso, verifica-se uma tendência comum da narrativa evidenciar o êxodo da população economicamente ativa, em direção à Europa e às Américas como via de supressão da condição adversa. Por outro meio, essa partida pode ocorrer de uma ilha a outra, quase sempre em direção a São Vicente, onde a chegada de navios ao porto pode garantir a possibilidade provisória de sobrevivência. Ainda obedecendo à falta de meios que garantam a alimentação diária, muitos cabo-verdianos submetem-se ao trabalho nas roças de São Tomé e Príncipe, onde se estabelece uma forma de semiescavidão. Assim, confirma-se uma condição social diante da qual não há como se possa estabelecer outra relação, na medida em que o que se impõe como regra ultrapassa o desejo de se poder viver a plenitude do que se espera que o arquipélago ofereça.

Para além da idealização de um espaço onírico que se consubstancia na influência recebida de poetas brasileiros como Manuel Bandeira, Ribeiro Couto, Ascenso Ferreira e Jorge de Lima, confirma-se um plano de realidade que recorre a uma abordagem que materializa o drama decorrente da relação inóspita do homem com o meio. Isso concorre para que se tenha um plano de observação a partir do qual o sertão nordestino, descrito em *Vidas secas*, de Graciliano Ramos, na dimensão da luta pela sobrevivência, encontre a possibilidade de uma abordagem semelhante em *Hora di bai*, de Manuel Ferreira, uma vez que a partida de uma a outra ilha configura a mesma concepção. Por essa via, pode-se conferir a dimensão crítica da narrativa brasileira moderna como termo de comparação do que em Cabo Verde se faz imprescindível como forma de agenciar a transformação que se expressa através da literatura. O dilema que se apresenta como ponto de discussão do que em Cabo Verde se faz necessário traz luz ao debate. Daí a divisão do que representa ficar e partir fundamentar a vida no arquipélago, estendendo-se às manifestações da literatura como espaço propício à indagação que se faz premente. A confirmação de um lugar inerente à crítica social que em Cabo Verde assume o foro de discussão tem na literatura uma referência significativa, marcando com isso a pauta do que se insere como observação do que se pode constatar.

Disso decorre uma produção literária que se aproxima dos anseios sociais que legitimam seu lugar definido e corresponde a uma realidade que se mostra inquestionável. Assim, a degradação que se apresenta como cenário de ação da poesia e da narrativa concorre como tema que inviabiliza qualquer outra sugestão no sentido de que a isso se possam conferir outras observações. O que se faz representar como elemento da realidade amplia-se na direção de termos da subjetividade que servem para atenuar o quadro vigente sem que isso sugira qualquer alteração no que se refere ao assunto abordado. Invariavelmente, a abordagem acerca da terra e do homem ratifica a condição refratária do arquipélago, pelo fato de não ser possível suprir de recursos a população desassistida. “Cabo Verde passou por sérias dificuldades econômicas cíclicas, pela própria composição física e geográfica de suas ilhas, de muita seca e tendência à desertificação, com um solo não muito produtivo para o cultivo da agricultura” (ELLERY, 2009, p.65). Desse modo, os retratos da miséria funcionam como quadros narrativos que ajudam a conferir um sentido de independência referente ao grau de distanciamento cultural que Cabo Verde passa a estabelecer com relação à matriz portuguesa. A forma encontrada, no sentido da presença brasileira como um anteparo, consigna uma investida que se fixa como situação

que ultrapassa o limite da cópia servil para situar-se como meio de fruição original.

A proposta que se afirma em torno da literatura cabo-verdiana estimula uma atuação que se faz sequente, sem que se interrompa o princípio fundador da Revista Claridade como eixo de ideias de um projeto de extensão permanente. A dimensão crítica que nesse ponto tem efeito corresponde a uma situação imutável à qual se podem acrescentar outros elementos. As marcas de alteridade decorrentes do lugar que a literatura assume em Cabo Verde se apresentam sem que a isso se interponha um retrocesso. A manutenção desse princípio, contudo, encontra novos meios de dar conta do que em sua origem se mostra problemático, caracterizando-se a partir do conflito social. “As levas de emigrantes se sucedem em decorrência de longas estiagens, algumas vezes enchentes e outras o flagelo trazido pelas lestadadas. As estatísticas registram elevados números de êxodo” (DUARTE, 2012, p.93). A estiagem permanece como tema comum aos escritores cabo-verdianos. No entanto, às estratégias de convivência com a realidade foram acrescentadas as relações com as formas contemporâneas do capitalismo que induzem a outros mecanismos de relacionamento do homem com o meio. Além disso, o período posterior à independência proporcionou a Cabo Verde novas formas de poder contornar essa crise.

A proximidade das literaturas do Brasil e de Cabo Verde acentua as formas de um pré-capitalismo que dá conta de um imobilismo presente no Nordeste de Graciliano Ramos e José Lins do Rego como no arquipélago de Manuel Ferreira e Baltazar Lopes. No entanto, esse princípio estende-se na direção de um processo que se transforma, em decorrência das condições múltiplas do capitalismo que internacionaliza o acesso a bens de consumo diante do que antes se fazia improvável. Mais que isso, a abertura propiciada pelo fim do salazarismo proporciona a Cabo Verde a expansão de sua cultura literária, incorporando-a ao sentido de universalidade que toca a sensibilidade de leitores espalhados pelo mundo. A semente que germina no período de afirmação da literatura como mecanismo de liberação amplia a geração de seus frutos a um tempo que expande sua perspectiva na direção do que lhe possa advir. A dinâmica que se faz presente nas formas que a literatura cabo-verdiana assume concorre para que sua presença seja alvo da observação que a destaca como uma das mais significativas entre os países lusófonos.

Por sua vez, o ciclo que tem início na década de 1930 parece mais distante do que se possa supor, uma vez que a vitalidade representada pela sequência de publicações configura uma posição definida da literatura cabo-

verdiana. Desse modo, a relação com o Brasil se mantém, prevalecendo uma condição equânime, no que diz respeito ao processo de emancipação, do que no arquipélago resulta em configuração cultural de teor definido. A capacidade de incorporar elementos da literatura brasileira moderna não se limita à reprodução de modelos, uma vez que essa investida desdobra seus resultados em favor de um espírito de nacionalidade crítica. “Ao apropriar-se da literatura brasileira como patrimônio simbólico, o colonizado africano, nos espaços de língua portuguesa, abria caminho para o seu protagonismo no campo da literatura e da cultura” (GOMES, 2008, p.114). Daí a literatura cabo-verdiana assumir os riscos de sua relação com o Brasil, conseguindo superar esse lugar para impor sua marca definida. Debruçado sobre o Oceano Atlântico, que lhe oferece o prazer de viver sob perigo iminente, o arquipélago convive com o risco da evasão de quem alimenta a vontade de ficar, diante da necessidade de partir.

REFERÊNCIAS

ABDALA LUNIOR, Benjamin (2003). *De voos e ilhas: literatura e comunitarismos*. Cotia: Ateliê Editorial.

ANJOS, José Carlos Gomes dos (2004). *Intelectuais, literatura e poder em Cabo Verde: lutas de definição da identidade nacional*. Porto Alegre, Praia: Editora da UFRGS, INIPC.

APARECIDO, Antônio Mantovani (2008). “Um diálogo entre *Vidas secas*

e *Os flagelados do vento leste*”. In: SILVA, Agnaldo Rodrigues da (Org.). *Diálogos literários: literatura, comparativismo e ensino*. Cotia: Ateliê Editorial.

CANIATO, Benilde Justo (2005). *Percursos pela África e por Macau*. Cotia: Ateliê Editorial.

DUARTE, Zuleide (2012). *Outras Áfricas: outros elementos para uma literatura da África*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana.

ELLERY, Danielle (2009). *Identidades em trânsito: África “na pasajen”*: identidades e nacionalidades guineenses e cabo-verdianas. Campinas: Arte Escrita.

GOMES, Simone Caputo (2008). *Cabo Verde: literatura em chão de cultura*. Cotia, Praia: Ateliê Editorial, Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro.

MARGARIDO, Alfredo (1980). *Estudos sobre literaturas das nações africanas de língua portuguesa*. Lisboa: A Regra do Jogo.

MATOS, Gramiro de (1996). *Influências da Literatura Brasileira nas literaturas Africanas de Língua Portuguesa*. Salvador: EGBA.

RIBEIRO, Maria Aparecida (1992). *O Jardim das Hespérides e o Reino de Pasárgada: a recepção do Neorrealismo português e o Modernismo brasileiro na literatura de Cabo Verde*. Coimbra: Imprensa de Coimbra.

SANTILLI, Maria Aparecida (2007). *Literaturas de língua portuguesa: marcos e marcas*. Cabo Verde: ilhas do Atlântico em prosa e verso. São Paulo: Arte & Ciência.

SEMEDO, Manuel Brito (2009). “A literatura moderna cabo-verdiana e o modelo brasileiro ou o itinerário de Pasárgada”. In: GALVES, Charlotte; GARMES, Helder; RIBEIRO, Fernando Rosa (Orgs.). *África-Brasil: caminhos da língua portuguesa*. Campinas: Editora da Unicamp.

Valdemar Valente Junior é Doutor em Ciência da Literatura pela UFRJ e Pós-Doutor em Literatura Brasileira pela UERJ. Professor Assistente da UCB, coordena o Grupo de Pesquisas intitulado *Leituras brasileiras: narrativas do século XX*, tendo como linhas de pesquisa Literatura

brasileira e crítica social e Narrativa brasileira do século XX. A pesquisa vincula-se ao CNPq e conta com a participação de alunos de graduação em Letras da UCB. Ensaísta com diversos artigos publicados, é autor dos livros *Dispersa sequência: ensaios de literatura brasileira* (2014); *O mel do engenho, o fel da palavra: desconstrução da ideologia na poesia satírica de Gregório de Matos* (2015); *Entre a cidade e o campo: Mário de Andrade e a música popular* (2016); *O mundo às avessas e outros ensaios* (2017). E-mail: valdemarvalente@gmail.com.

Recebido em 18 de outubro de 2017.

Aprovado em 21 de novembro de 2017.